

CONSIDERAÇÕES SOBRE LOGÍSTICA NA GUERRA DO PARAGUAI

Braz Batista VAS¹ - UFT

O Brasil do segundo reinado teve uma história recheada de atividades militares de grande ou pequena expressão. Vários episódios contribuíram tanto para a formação do Brasil enquanto nação como para o aprimoramento de instituições que figuram no mais das vezes como pilstras básicas do Estado - Nação. Desde a Regência o Brasil vinha experimentando uma vida bastante agitada, agitações estas que quase sempre envolviam intervenções militares a fim de se apaziguar ânimos ou refrear descontentamentos. A economia brasileira na segunda metade do século XIX foi amplamente influenciada pelo conflito com o Paraguai.

É nesse contexto, de uma vida político social bastante agitada, devido a vários fatores e diversas conjunções de interesses, tanto nacionais como internacionais, que a vida militar brasileira começa a ficar cada vez mais expressiva no plano internacional regional. A partir de 1850, as forças militares brasileiras, passam a sofrer uma série de reformulações e modificações visando o seu aprimoramento material, institucional e humano. Tomando especificamente o Exército brasileiro como objeto de análise, verificar-se-á o desenvolvimento dessa instituição, suas variações, incursões, assimilações e permanências, durante o episódio que ficou conhecido na historiografia brasileira como “Guerra do Paraguai”, ou, numa concepção mais recente, caracterizado como “Guerra contra o Paraguai”. Trata-se de um rico episódio das atuações militares brasileiras de meados a em fins do século XIX.

O conflito com o Paraguai se configurou num importante repositório da história militar brasileira, por se tratar justamente do único grande conflito internacional a mexer não somente com o Brasil, mas também com outros três países da América do Sul, a saber, Argentina, Paraguai e Uruguai. O drama do conflito com o Paraguai, portanto, provém de uma complicada trama político-econômica que assolava a região do Rio da Prata, com

questões relativas a aspectos econômico-comerciais, tensões quanto a demarcação de fronteiras e uma delicada relação diplomática entre os envolvidos.

Por ser um conflito sem precedentes na América do Sul, a Guerra contra o Paraguai se alardeou por estas paragens como um dos primeiros exemplos das guerras modernas, guerra esta com o princípio da *guerra total*². A América do Sul passou a conhecer melhor a enorme diversidade e potencial destrutivo da artilharia, a relativa ineficiência da cavalaria numa guerra de posições, a extrema importância de um corpo de engenheiros, médicos e um esboço do que mais tarde veio a se configurar como *serviço de intendência*, vital a manutenção dos esforços de guerra.

Além dos aspectos políticos, econômicos e sociais e como consequência destes, os aspectos logístico - materiais também representam uma importante peça para um entendimento mais amplo e completo da Guerra Grande, foi devido a guerra que o Exército brasileiro conseguiu dar um importante passo rumo a uma tentativa modernizadora. Foi com essa incipiente atitude modernizadora, com claros reflexos no transcorrer do conflito, que se verificaram reformulações no exército enquanto corporação e a conquista de mais espaço no cenário político enquanto instituição³. A guerra serviu como um momento de auto percepção do Exército brasileiro, um momento em que se tornou público e notório o despreparo e o desamparo de seus quadros em face de um momento de ação. Tratou-se, portanto de despertar para a necessidade de profissionalização de seus efetivos e meios de atuação, com especial atenção para algumas novidades tecnológicas no campo militar.

Oficialmente, os documentos do Império indicam a existência de 17 ou 18 mil homens nas fileiras do Exército no início da contenda, entretanto, sabe-se que efetivamente esse contingente estava bastante aquém desses números⁴ o que tornou necessário um enorme esforço de recrutamento, armamento, deslocamento e abastecimento dos novos soldados que iam a combate. Nesse momento, o Exército de linha possuía um efetivo bastante pequeno e teve que experimentar um inchaço de sua já debilitada estrutura e ainda o problema de coexistência, no âmbito de um conflito de grandes proporções, com outros corpos de origens, motivações e finalidades diversas, tais como a Guarda Nacional;

Voluntários da Pátria, dentre eles grupos bastante peculiares como os Zuavos, Couraças ou Couraceiros⁵; milícias riograndenses, e ainda amargar uma atuação, por vezes desencontrada (vide a batalha de Curupaity), em conjunto com a Armada Imperial. Não bastassem tais problemas, ainda havia os problemas internos, como por exemplo, a questão da hierarquia e da ascensão hierárquica ao qual as várias reformas a partir de 1850 tentavam organizar de maneira mais eficiente. Desde a independência o Exército já havia passado por várias reorganizações de maior ou menor efeito em sua estrutura. Houve reorganizações em 1834, 1839, 1842, 1851, 1852 e mais algumas pequenas reformas ao longo das décadas de 1850 e 1860⁶. Em sua grande maioria pequenas ou discretas acomodações.

Vários foram os fatores que influenciaram o início das hostilidades entre os países da Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Uruguai) e o Paraguai. Vários, também, foram os fatores que relegavam ao Exército uma existência pouco expressiva e um desaparelhamento logístico organizacional de grande monta. Politicamente não interessava ao Império a existência de uma instituição forte com amplo acesso a armamentos e efetivos, tanto que, para suprir a demanda pelo monopólio do uso da força por parte do Estado, foi criada em 1831 a Guarda Nacional, instituição totalmente descentralizada e politicamente submissa às demandas regionais que por sua vez se submetiam às gestões imperiais.

O aparelhamento do Exército ocorreu de uma forma um tanto quanto tímida e parcelada, mas ocorreu. Vários elementos do que viria a se caracterizar como “guerra moderna” se abriram aos olhos dos militares brasileiros com a Guerra Grande. Ao início da guerra e devido ao passado militar conhecido até então, as armas/corpos militares mais valorizados dentro da corporação eram a Infantaria e a Cavalaria. A Artilharia ainda não dominava a atenção que viria a merecer. Os outros quadros figuravam em menor número e com menos expressão, caso, por exemplo, do Corpo de Engenheiros e do Corpo Médico. Ficou patente a importância da logística e dos abastecimentos.

Foi durante o comando de Caxias que as forças brasileiras tomaram contato com padrões organizacionais mais eficientes e pequenos incrementos tecnológicos que

aumentaram sua eficiência. Caxias, mesmo assim, não consegue passar incólume pelo crivo da História. Sua gestão chama a atenção para erros e ingerências políticas durante o comando das forças aliadas. Considerando os pontos positivos e negativos do comando de Caxias, não é possível considerá-lo um completo agente modernizador, mas um militar de grande visão e competência. Ademais ao esforço de Caxias para maximizar a eficiência da atuação brasileira, ainda eram grandes e complexas as deficiências do potencial humano de seus soldados. A necessidade imediata de soldados impossibilitou a devida educação e treinamento de combatentes com as mínimas noções exigidas. Os muitos que participaram aprenderam diretamente em combate, quando muito. A Guarda Nacional não cabia dentre suas funções básicas a defesa externa, os Voluntários da Pátria surgiram apenas para suprir as necessidades momentâneas, sobrou para o Exército, que tinha para si toda a responsabilidade institucional da defesa e atuação contra inimigos externos.

Um dos entraves foi colocar sob um mesmo comando todos esses corpos de origens diversas. Aos poucos a questão da hierarquia ia se resolvendo à medida que muitos soldados e oficiais eram remanejados ao longo dos combates, novas unidades eram criadas ou extintas, os corpos se remodelavam com o que estava disponível, mas mesmo assim, as rugas entre oficiais eram corriqueiras e raramente se passava tais indisposições para o discurso oficial sobre a guerra.

Inicialmente sob o comando de um estrangeiro, o presidente argentino General Bartolomé Mitre, fato que para o Império tinha seus inconvenientes, pois o Brasil disputava o controle político e econômico na região platina com a Argentina. Em 1866 Caxias assume o comando das forças brasileiras na guerra, posteriormente, em 1868, devido a problemas internos, Mitre vê-se obrigado a voltar à Argentina e passa o comando geral das forças da Tríplice Aliança para Caxias.

Caxias demorou praticamente um ano para por as forças brasileiras em condições mínimas de luta. Gastou com armamentos e algumas novas tecnologias, dentre as quais se destacam as armas raiadas, em substituição ao armamento de pederneira de carregar pela

boca; a utilização pela primeira vez de balões aerostáticos para espionagem e mapeamento de território.

Os investimentos em artilharia aumentaram consideravelmente, canhões franceses e espanhóis foram adquiridos. O Brasil já dispunha de armamentos bastante diversificados, como, por exemplo, dos canhões e obuses da artilharia, específicos para ações de sítio, de montanhas e para avanços rápidos. Para a confecção das granadas, conhecidas como lanternetas ou shapnel (este último nome, em homenagem a seu inventor, um tenente inglês chamado Henry Shapnel) foram utilizados os modelos franceses.

O armamento leve utilizado pelos soldados durante a guerra estava constituído por espingarda ou fuzil com baioneta para os corpos de fuzileiros, carabinas com sabre-baioneta para os caçadores, mosquetões para os artilheiros e engenheiros, clavina, pistola, espada e lança para a cavalaria e, geralmente, para os oficiais, revólveres franceses de seis tiros calibre 12.

Tendo em vista que a maior parte dos armamentos brasileiros ainda era de carregar pela boca, o governo imperial chegou a comprar dos Estados Unidos, antes do fim da guerra, cerca de cinco mil espingardas de carregar pela culatra, modelo Robert's, para infantaria, e duas mil clavinas, também de carregar pela culatra, modelo Spencer, para cavalaria. As clavinas, assim que chegaram ao Brasil, foram enviadas para as frentes de batalha, já as espingardas, das cinco mil que chegaram apenas mil foram utilizadas devido a problemas com o cartuchame próprio a essas armas.

Mesmo se caracterizando por ser uma guerra com fartos componentes de modernidade tecnológica, as armas de fogo ofensivas conviviam ainda com a utilização constante, e tradicional, de armas brancas defensivas⁷, como espadins, sabres, punhais, lanças, e sabre-baionetas. A tradicional utilização da lança como uma das armas primordiais da cavalaria coexistiu, na guerra contra o Paraguai, com a utilização da clavina, um tipo de rifle próprio para a cavalaria, por ser mais curto e de fácil manejo. Os lanceiros ainda eram peças importantes tanto na cavalaria quanto na infantaria. Porém, nos combates de

entrancheamento, nas disputas de habilidade da fuzilaria com canhões onde o inimigo permanecia distante, as armas de acutilamento perdiam quase que completamente a sua serventia defensiva primordial, passando a figurar como instrumentos complementares.

Quanto aos canhões, a maioria ainda utilizava projetis esféricos, diversificados conforme seu emprego, tais como balas rasas, balas ocas, granadas e bombas. Alguns já utilizavam munição cilíndrica, servindo para o tiro de metralha, como por exemplo, a lanterna e a pirâmide. Os canhões raiados utilizavam somente a munição cilíndrico-ogival, entretanto, a utilização desse tipo de munição, por ter sua fabricação feita por particulares, dificultava ao Exército o controle de sua qualidade, apresentando defeitos de fabricação no início de seu processo de aquisição.

A estrutura para a fabricação e consertos de armamentos atingiu todo seu potencial no Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro, que chegou a confeccionar mais de quarenta peças de artilharia raiada no sistema La Hitte (francês), quatro morteiros de bronze e alguns projetis de artilharia. A fábrica de armas da Conceição recuperou cerca de cento e trinta mil carabinas e espingardas do tipo Minié, a fábrica de Estrela chegou a produzir cerca de cento e vinte cinco mil quilos de pólvora. Para marinha foram comprados monitores, barcos de pouco calado e alto poder de fogo; o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro reparou cascos e máquinas de vários navios, construiu três encouraçados, um dos quais em menos de cinco meses, construiu cinco monitores e duas bombardeiras. Mas, um dos principais entraves que Caxias tentou superar foi transformar o “capitão-estancieiro” e sua tropa irregular de “soldados-peões”, tomando como exemplo os militares riograndenses, em tropas hierarquicamente ordenadas e disciplinadas. Dentre os destaques da campanha figuram a engenharia e a artilharia.

Nessa campanha militar, a engenharia teve ampla importante participação. A história da engenharia começa basicamente em 1855, quando foi criado o batalhão de engenheiros e pontoneiros (construtores de pontes militares). Somente em 1865 se formou um esquadrão de transportes, que deveria existir no sul desde 1860. Com a guerra o corpo de engenharia teve pela primeira vez uma atuação efetiva nas forças militares brasileiras. O

avanço de tropas foi favorecido pelo mapeamento do território, pela construção de estradas, pontes, trincheiras, fortificações, dentre outras colaborações.

Os engenheiros militares passaram despender maior atenção e cuidados ao transporte de materiais bélicos, como canhões, armas leves e munição, ao ponto de estabelecer um arsenal mais próximo ao teatro de operações militares, na Ilha de Cerrito, no rio Paraná, perto da confluência com o rio Paraguai. Era uma espécie de base avançada, que complementava a produção do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro.

O Rio Paraguai foi um canal primordial no abastecimento de gêneros alimentícios, armas, munições e soldados para os acampamentos militares aliados. Era um rio que trazia em seus canais e portos muito mais que o potencial do liberalismo econômico, sendo o principal elemento estratégico da região platina, tanto pela sua disposição geográfica quanto pela sua representatividade política.

A medicina já atuava no meio militar a algum tempo, além dos médicos, em 1857 foi criada a companhia de enfermeiros e posteriormente farmacêuticos também foram incorporados. No plano médico, durante a guerra foram estabelecidos os hospitais de sangue para atendimento as tropas. Apesar dos esforços, os investimentos em medicina durante o conflito foram bastante tímidos, muitos soldados morreram de cólera, disenteria, febres palustres, tifo, escarlatina dentre outros males⁸.

Foi a ação, de certo modo conjunta, da engenharia e da artilharia, com o apoio da cavalaria que deu mais rapidez e capacidade ao avanço dos aliados. A partir da análise do território e da disposição das fortificações paraguaias, pode-se verificar a inadequação da cavalaria em combates nestas condições. A cavalaria, principal e mais temido corpo dos exércitos até então, encontrou-se em dificuldade para atuar em uma guerra de posições, guerra de trincheiras e investidas contra fortificações. O terreno pantanoso também inviabilizava uma utilização maciça da cavalaria e devido a isso, o grosso da ação coube a infantaria e a artilharia com o apoio da engenharia. Um dos feitos de destaque da engenharia foi a construção da estrada do Chaco, feito que viabilizou uma série de ações

que ficaram conhecidas como *Dezembrada*, em fins de 1868, com as batalhas de Itororó, Avaí, Lomas Valentinas e Angostura.

A organização de um sistema militar eficiente e funcional num país de fortes características civilistas, representou um dos maiores entraves culturais ao melhoramento da estrutura militar. A problemática da logística empregada na Guerra Grande é um dos elementos mais desafiadores para a jovem e a antiga oficialidade brasileira, boa parte da qual se punha em armas pela primeira vez. Em primeiro lugar, advertimos que não é possível considerar o termo “logística” naquele contexto da mesma forma como se entende hoje. A técnica militar em meados do século XIX nas plagas sul-americanas ainda caminhava lentamente rumo a um ponto de eficiência máxima, que era tornar os exércitos sul-americanos tão eficientes quanto os europeus. Isso, entretanto, despendia tempo e investimentos em larga escala nas forças militares, investimentos que começariam pela educação, passariam pela equipagem material para terminar com a sua profissionalização.

Todas essas considerações refletem apenas módicos aspectos do cotidiano militar na mais famosa guerra que o Brasil participou, e que contribuiu sobremaneira para reforçar os brios militares do Exército brasileiro, tão inexpressivo até então. Houve a incorporação de efetivos as paupérrimas fileiras do exército, dignificando um pouco mais a função de soldado do Exército e quebrando um pouco o estereótipo de que o Exército de linha era lugar de desqualificados, afinal, o Brasil tinha a partir de então os seus primeiros heróis de guerra.

¹ Professor Assistente de História da América na UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína.

² CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fintez; Brasília: Ed. Unb, 1979.

³ SODRÉ, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

⁴ DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *O conflito com o Paraguai*. São Paulo: Ática, 1996.

⁵ BARROSO, Gustavo. *História Militar do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

⁶ Idem.

⁷ REIS, J. C. dos. *Noções da arte da armaria*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1962.

⁸ SOUZA, Luiz de Castro. *A medicina na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro, 1972.